

Quem sou eu?

Paula Akemy Araújo

Universidade Federal de Ouro Preto

Resumo: Quem sou eu? O que faz com que eu seja a mesma pessoa ao longo do tempo apesar das várias mudanças? Alguns acreditam que o que garante a identidade é a alma imaterial, outros que é a continuidade dos aspectos psicológicos e outros que a identidade é a continuidade física. Quem está com a razão? Não sei. Entretanto, pretendo mostrar que nem a continuidade psicológica nem a continuidade física, separadamente, são condições necessárias e suficientes para alegarmos identidade.

Palavras-Chave: Metafísica. Identidade Pessoal. Continuidade Psicológica e Física.

Abstract: Who am I? What makes me to be the same person over time despite the many changes? Some philosophers believe that what guarantees the identity is the immaterial soul, others that it is the continuity of psychological aspects, and others that identity is the physical continuity. Who is right? I do not know. However, I intend to show that neither psychological continuity nor physical continuity, taken separately, are necessary and sufficient conditions for us to claim the identity.

Key-Words: Metaphysics. Personal Identity. Psychological and Physical Continuity.

Introdução

O principal defensor da continuidade psicológica foi o filósofo John Locke. Este afirma que a identidade de uma pessoa é a continuidade de aspectos psicológicos ao longo do tempo como, por exemplo, a memória, as crenças e outros. Nas palavras de Locke “Em tudo o que se relaciona com o eu – a mesma substância numérica não é considerada como constituindo o mesmo eu, mas a mesma consciência contínua, na qual várias substâncias se podem ter agrupado...” (1690, p. 458). Sendo assim, eu sou uma e mesma pessoa porque tenho as memórias de minha infância, adolescência, tenho o mesmo caráter, crenças, etc. Mas será que estes aspectos são de fato condições necessárias e suficientes para que minha avó afirme que eu sou uma e mesma neta que ela tem? Acredito que não.

Em contraposição a esta ideia de Locke encontramos a identidade como continuidade física (ou espaço-temporal). Esta afirma que o que garante a identidade é a continuidade física, ao longo do tempo e do espaço, a continuidade do corpo (ou do cérebro). O que faz, portanto, com que eu seja a mesma Paula é a continuidade do meu corpo ou cérebro desde que nasci até hoje. Entretanto, será que a continuidade física é uma condição necessária e suficiente para a identidade? Caso eu transplantasse meu cérebro para outro corpo ou continuasse com meu corpo, porém com outro cérebro, será que ainda haveria identidade numérica? Também acredito que não.

Meu objetivo neste artigo será, como já foi dito, defender que nenhuma das duas soluções, isoladamente, nos oferece condições necessárias e suficientes para o problema da Identidade pessoal. O artigo será dividido em quatro partes. Primeiro, apresentarei o problema da Identidade Pessoal. Nesta parte também farei a distinção entre identidade qualitativa e identidade numérica assim como esclarecerei as noções de condição necessária e condição suficiente. Num segundo momento, pretendo mostrar por que a continuidade física não é condição necessária e suficiente para o problema apresentado. Num terceiro, por que a continuidade psicológica também não é condição necessária e suficiente. No quarto, outras possíveis alternativas ao problema. E, por fim, a conclusão.

Exposição do Problema

O que garante que eu seja uma e mesma pessoa desde o meu nascimento até hoje? Será o meu corpo? Ou será a minha mente? Como posso ser uma e a mesma pessoa sendo que já perdi e ganhei muitos cabelos, células, quilos (essa é a pior parte); sendo que minha aparência já não é a mesma de quando eu tinha cinco anos? Muita coisa em mim mudou, mas será que há algo que permanece, que garante a minha identidade? Estas questões exemplificam muito bem o problema que será trabalhado. Para ficar mais claro imagine o seguinte exemplo trágico. João é um comerciante de frutas, legumes e verduras de uma pequena cidade do interior. Todo domingo ele vai até a cidade grande comprar mercadoria para revender em sua cidade. Num certo domingo, ele vai à capital como de costume, faz suas compras e, quando está voltando para sua cidade, acontece um grave acidente com a sua camionete. O motorista do outro veículo morreu na hora e João, quase que por um milagre, sobreviveu. Entretanto, os ferimentos foram gravíssimos. Ele foi levado ao hospital e vários exames foram feitos. Enquanto isso, Linda – a esposa de João – e seus três filhos aguardam notícias na sala de espera. Após horas e horas o médico que atendeu João chega até a família e avisa que as duas pernas de João foram amputadas, pois ficaram presas nas ferragens, e que ele perdeu totalmente a sua memória devido a uma forte pancada na cabeça. Aqui então surge a pergunta: será que João ainda é João? Seu corpo já não é o mesmo, nem sua mente. Como poderemos afirmar que essa pessoa é o João vendedor de frutas? Será que o que dá identidade a ele ainda existe? Ou foi perdida no acidente? Temos, assim, de achar critérios precisos para que possamos dizer que João é uma e a mesma pessoa, apesar de todas as mudanças sofridas.

Antes de responder a essas perguntas é preciso fazer algumas distinções. Primeiramente, a distinção entre *identidade qualitativa* e *identidade numérica*. Duas pessoas são qualitativamente idênticas quando elas possuem as mesmas qualidades ou propriedades como, por exemplo, a aparência, o peso, etc. Podemos pensar também em dois objetos; por exemplo, o meu carro e o seu carro são da mesma marca A. Além disso, possuem as mesmas propriedades (por exemplo, mesma cor, quatro portas, direção hidráulica, etc.). Neste sentido,

posso dizer que os dois carros são qualitativamente idênticos, as propriedades são as mesmas. Isto é, são idênticos no que diz respeito às suas propriedades. Já a identidade no segundo sentido quer dizer que João é idêntico a ele mesmo. Isto é, João é o mesmo desde que nasceu até hoje devido a sua identidade consigo mesmo em épocas diferentes. Sendo assim, enquanto identidade qualitativa pode ser entre dois objetos (ou mais) ocupando diferentes lugares no espaço, a identidade numérica é a relação de um objeto consigo mesmo. Uma vez que o problema é como alguém pode ser a mesma pessoa desde o seu nascimento até sua morte, apesar de várias mudanças, podemos dizer que a identidade que será importante para o problema filosófico é a identidade numérica e não a qualitativa. Assim, quando falar de identidade, estarei a usando neste sentido.

Antes de avançar para a discussão das duas soluções é preciso também esclarecer as noções de *Condição Necessária* e *Condição Suficiente*. Para ficar mais claro, usarei alguns exemplos. Uma condição necessária para algo ser um humano é ter a propriedade da mortalidade. Porém, isto não é uma condição suficiente, visto que outros seres vivos além dos seres humanos também são mortais. Outro exemplo, uma condição necessária para eu dirigir bem um carro é saber estacionar. Entretanto, não é suficiente, pois para dirigir bem um carro é preciso outras coisas além de saber estacionar. Já uma condição suficiente para eu ser brasileira, é ter nascido no Brasil. Porém, não é necessária, visto que alguém, como um americano, adquirindo a nacionalidade brasileira. Para que alguém seja brasileiro basta que ou tenha nascido no Brasil ou adquira a nacionalidade brasileira. Em outras palavras, P é uma condição necessária para Q se, e só se, Q não puder ocorrer sem que P ocorra. Enquanto que, P é uma condição suficiente para Q se, e só se, basta que P ocorra para que Q ocorra.

Feitas as distinções, passarei agora para a exposição e discussão das duas soluções do problema. Para lembrar, o que pretendo defender é que nem a continuidade física nem a continuidade psicológica, isoladamente, são condições necessárias e suficientes para a identidade pessoal. O que pretendo negar é uma conjunção. Negar que a conjunção “continuidade psicológica é condição necessária para identidade pessoal e continuidade psicológica é condição suficiente para identidade pessoal” seja verdadeira. Para tanto, basta

mostrar que uma das duas conjuntas é falsa. Ora argumentarei que a conjunção é falsa porque a continuidade psicológica não pode ser uma condição necessária para a identidade, e ora argumentarei que ela é falsa porque não pode ser uma condição suficiente. Assim, mesmo que eu não mostre que uma delas é falsa, se eu mostrar que a outra é falsa, já terei mostrado que a conjunção como um todo é falsa.

Continuidade Física

Essa solução identifica a continuidade física com a identidade pessoal. Ela afirma que uma pessoa é uma e a mesma pessoa se, e só se:

- (a) há uma continuidade dos aspectos físicos, por exemplo o corpo ou o cérebro, ao longo do tempo.

Vale notar que continuidade física não significa *mesma matéria*. Por exemplo, alguém poderia alegar que a matéria é o que nos dá a identidade. Em outras palavras, o que faz com que eu seja a mesma pessoa desde quando nasci até hoje é o fato de ambos serem constituídos da mesma matéria. Porém, essa tese é demasiado implausível. A matéria é instável, no sentido de que eu não sou feita de uma matéria fixa. Todas as células, os fios de cabelo, etc. mudam constantemente. A matéria da qual sou feita muda constantemente, mas mesmo assim parece que continuo a ser eu mesma. Devido à sua instabilidade a matéria não pode ser critério para a Identidade. Ora, é possível que os átomos que formavam meu corpo quando eu tinha zero anos já não sejam os mesmos que formam meu corpo hoje. Entretanto, eu ainda sou, presumo, a mesma pessoa.

Precisamos de um modo mais plausível de interpretar a *continuidade dos aspectos físicos*. Uma saída seria defender que, apesar de todas as mudanças sofridas, há algo que permanece. Sendo assim, Meire é uma e mesma pessoa, desde que nasceu até hoje, porque há uma continuidade corporal. Mas o que significa dizer que há uma continuidade corporal?

Pode-se tornar essa ideia intuitiva do seguinte modo: imagine que fossemos contar a história de meu atual corpo. Aonde essa história nos remeteria? Ela nos levaria ao corpo do bebê Paula, ao meu corpo quando eu nasci, ou àquele corpo que estava no útero de minha mãe. Aquele pequeno corpo foi sofrendo modificação após modificação, perdendo e ganhando átomos; interagindo com outros corpos, etc. Em suma, se narrarmos a história dessas modificações, chegaremos ao corpo da Paula adulta. Essa seria uma história causal do meu corpo, e é ela que garantiria a minha identidade pessoal.

O problema com isso é que essa história também nos remeterá ao meu cadáver, ao meu corpo quando for destituído de vida. Contudo, meu cadáver não sou eu. É lícito dizer que assim que eu morrer eu deixarei de existir, embora meu corpo não. Além disso, essa história nos remeteria a tempos muito anteriores a meu nascimento, antes de eu ter um cérebro, ou mesmo antes da matéria que formou o meu corpo formar meu corpo. Talvez ela nos remetesse até o Big Bang e, acreditem, eu não sou o Big Bang. Poderíamos escapar dessa segunda objeção alegando que a história de meu corpo começa a partir do momento em que ele está formado, e que nada antes disso importa para a continuidade física. Mas ainda restaria escapar da objeção do cadáver. Ou seja, explicar como eu posso manter a identidade mesmo depois de morta.

Bem, mas se nenhuma das duas interpretações funciona, como entender a continuidade física? Qual seria a interpretação mais plausível? Alguém poderia dizer que o que importa não é a matéria ou a continuidade causal de meu corpo, mas sim a nossa estrutura, a forma. Pensemos no DNA. Apesar de todas as células e átomos serem substituídos, há algo que permanece – a estrutura do DNA. E será isto que garantirá minha identidade. Contudo, se é a forma que importa, eu posso criar mil pessoas com as mesmas estruturas do meu corpo, inclusive o DNA, então teríamos que afirmar que existem mil “Paulas”. Será que o clone X sou eu? Somos uma e a mesma pessoa? Não.

Pensemos num outro caso onde entro numa máquina de desintegração molecular. O meu corpo é partido em moléculas e estas são completamente espalhadas pela Terra. Não obstante, a máquina antes da desintegração copia minhas moléculas originais e após a

desintegração monta um corpo a partir das cópias. Será a mesma pessoa que antes e depois da desintegração? A estrutura é a mesma, mas diríamos que este corpo criado a partir das moléculas originais continua a me dar identidade? Não. O corpo criado a partir da cópia das minhas moléculas não será eu só porque possui a mesma forma que meu corpo. Assim como meu clone não sou eu. Estes dois exemplos mostram claramente que este critério falha. Consequentemente, não oferece as condições necessárias e suficientes que buscamos para a identidade pessoal.

Mas mesmo assim poderíamos afirmar que é o cérebro que importa, e não o corpo. Se for o cérebro de Maria, por exemplo, que importa, e se eu mostrasse para essa pessoa um cérebro no formol, ela diria que é a Maria manicure? Parece que não. Isso só parece funcionar se os aspectos mentais estiverem ligados diretamente ao cérebro. Neste caso, o cérebro é importante para a identidade. Entretanto, isoladamente e, como critério para a identidade, não.

Contra a continuidade corpórea, Locke dá o exemplo de um príncipe e um sapateiro. Imagine que as características mentais de um príncipe fossem transplantadas para o corpo de um sapateiro e que as características mentais do sapateiro fossem transplantadas para o corpo do príncipe. Porém, anos antes, o sapateiro havia cometido um crime horrível. E agora? Quem devemos prender? Devemos prender o corpo do sapateiro com a mente do príncipe, ou devemos prender o corpo do príncipe, onde agora habita a mente de um sapateiro assassino? Imagine que prenderam o antigo corpo do sapateiro, onde agora habita a mente do príncipe. Isto parece não estar correto, pois o sapateiro é que devia ser preso e não o príncipe no corpo do sapateiro. Nesse caso, a mente parece mais importante do que o corpo para determinar quem é quem. Assim, alguém pode pensar que para resolver o problema da identidade pessoal, temos de apelar à continuidade da mente, à continuidade psicológica.

Continuidade Psicológica

Visto as dificuldades apresentadas com a continuidade física, passarei agora para a

segunda solução. Segundo essa visão, o que importa é uma continuidade dos aspectos psicológicos, em especial, a memória. O primeiro a defender essa ideia foi John Locke. Nas suas palavras:

... uma vez que a consciência acompanha sempre o pensamento e é o que faz com que cada um seja ele próprio e, desse modo, se distinga de todas as outras coisas pensantes, é somente nisto que consiste a identidade pessoal, ou seja, a singularidade de um ser racional; e até onde esta consciência retroceder, em direção a uma acção ou pensamento passado, aí chega a identidade dessa pessoa; é o mesmo eu agora e no passado, e é por esse mesmo eu em conjunto com o eu do presente, que agora reflecte acerca do passado, que essa acção foi realizada. (1690, p. 443)

Vale notar que Locke usa a ideia de consciência para falar de continuidade psicológica, onde o aspecto mental mais importante é a memória. Afinal, o que garante que eu sou a mesma pessoa que foi ao cinema ontem é que eu tenha consciência que fui ao cinema. Em outras palavras, que eu me lembre que eu fui ao cinema. A principal crítica colocada a essa ideia de Locke consiste em alegar circularidade. Vejamos como isso pode ocorrer. Ao estabelecermos a memória como uma característica essencial para a identidade pessoal, estamos já pressupondo a própria identidade. Por exemplo, quando me lembro de ter ido ao cinema semana passada, já estou pressupondo que é verdade que sou uma e a mesma pessoa que foi ao cinema. Ou seja, estou pressupondo que fui EU quem foi ao cinema semana passada. Sendo assim, a minha identidade está sendo usada como um critério para a memória, que, por sua vez, já pressupõe a identidade. Assim, temos um círculo, e a memória não pode mais ser usada como critério para a identidade. .

Vejamos outra importante objeção a Locke, feita por Thomas Reid. Este afirma que a ideia de Locke implica que “um homem pode ser e, ao mesmo tempo não ser, a pessoa que realizou uma certa acção” (s/d), ou seja, implica uma contradição. Em primeiro lugar, o fato de eu não lembrar certas coisas de minha infância não quer dizer que eu não seja uma e a mesma pessoa que as fez. Para mostrar isso, Reid oferece o seguinte exemplo: imagine um oficial corajoso que certa vez em sua infância roubou maçãs de certo pomar e por esta razão levou

uma surra. Posteriormente, esse oficial capturou um soldado em batalha. Após tal acontecimento ele foi promovido a general. Quando o oficial capturou o soldado ele estava consciente de ter levado uma surra em sua infância por ter roubado maçãs, e quando foi promovido a general ele lembrava de ter capturado o soldado mas não se lembrava de ter tomado uma surra. Disso segue-se que a pessoa que levou a surra é a mesma que capturou o soldado e a mesma que foi promovido a general. Assim, o general é a mesma pessoa que levou uma surra. Entretanto, segundo a teoria de Locke, pelo fato de o general não se lembrar que levou uma surra quando criança, ele não é a mesma pessoa. Logo, o general é e não é, ao mesmo tempo, a pessoa que levou uma surra.

Lembremos do exemplo dado no início do artigo, onde João – o vendedor de frutas – sofre um grave acidente de carro e (por esta razão) tem amnésia total. Segundo a teoria da continuidade psicológica, por causa da amnésia, João deixou de ser João. Visto que o lhe conferia identidade foi completamente perdido. Eis aqui outra razão para rejeitarmos essa teoria como condição necessária e suficiente para a identidade pessoal. O critério que buscamos (se é que existe) não pode ser algo tão vulnerável como a memória. Mas será que há outros aspectos psicológicos tão importantes quanto a memória? Eu acredito que não. Vejamos por que.

Alguém poderia alegar que o critério da memória como continuidade psicológica não é o único e que existem outros critérios mentais relevantes. Uma pessoa (por exemplo, João, que sofreu amnésia total) ainda continuaria a ser ela mesma porque seu caráter, suas crenças, suas capacidades, desejos e intenções continuam após a perda de memória. Será? Certamente João, que sofreu de amnésia completa, não sabe se acredita em Deus ou não, se gosta de bolo de chocolate, se gosta de matar pessoas por desejo ou se é um bom marceneiro. Parece que sua vida após o acidente será guiada por pessoas próximas a ele. Se um amigo de João, por maldade, falar que ele era racista e que gostava de matar pessoas de alguma etnia ou raça por puro preconceito, é possível que ele acredite (até que provem o contrário). Ou, se alguém lhe disser que sua comida preferida era macarrão quando na verdade não era. Parece, portanto, que muitos aspectos psicológicos estão ligados à memória. E, mesmo que uma ou duas

características permaneçam: não diríamos que João ainda é João porque ele continua acreditando em Deus ou porque ele ainda sabe dirigir uma caminhonete, afinal milhares de pessoas acreditam em Deus e sabem dirigir caminhonetes.

Além disso, rejeito os outros aspectos psicológicos com base num argumento dado contra a continuidade física, que pode ser estendido para a continuidade psicológica. Assim como a continuidade física não poder ser critério para a identidade pessoal, devido à sua instabilidade, a continuidade psicológica também não. Os aspectos psicológicos também não são fixos. Antes, eles são instáveis. A memória, a sensação, as crenças, duram apenas alguns segundos e, além disso, mudam de tempos em tempos. Muitas de nossas memórias são perdidas e ao longo do tempo também ganhamos outras memórias. Abandonamos crenças e hábitos e adquirimos novas. Nosso caráter e nossa personalidade também são suscetíveis à mudança. Assim, se a instabilidade é suficiente para derrubar a identidade como continuidade física, também o é para derrubar a identidade como continuidade psicológica. Afinal, que aspecto de minha vida mental pode garantir que a Paula de hoje é a mesma pessoa de quando tinha zero anos?

Nesse ponto alguém poderia objetar dizendo que as memórias não são perdidas completamente, nós apenas não conseguimos acessá-las. Antes, elas ficam armazenadas, mas sem acesso algum. Este argumento não parece funcionar, pois, mesmo se eu perdesse todas as memórias que estivessem armazenadas, e que eu nunca acessaria, nada mudaria. Imagine que todas as memórias que tenho desde que nasci até meus três anos estão armazenadas, e que nunca as acessei. Agora imagine que eu as perca. O que isso muda? Deixaria de ser a mesma pessoa que era nos meus primeiros três anos de vida? Intuitivamente, perder essas memórias não impediria de ser a mesma pessoa ao longo de toda vida. Assim, ter memórias guardadas em minha cabeça não pode ser uma condição necessária para a identidade. Portanto, não pode ser necessária *e* suficiente.

Por fim, uma objeção que foi apresentada pelo filósofo Bernard Williams. Esta é comumente chamada de problema da duplicação. Ela pode ser um problema tanto para a continuidade psicológica quanto para a física. Vejamos como. Imagine que um cientista fizesse

com que meu irmão (ainda vivo), chamado “Leandro”, adquirisse todas as características mentais de um homem que foi enforcado há muitos anos atrás, chamado “Tiradentes”. Sendo assim, diríamos que Leandro agora é Tiradentes. Entretanto, o cientista faz essa mesma transformação em outra pessoa, chamada “Fabrício”. As características de Tiradentes estão também agora em Fabrício. Assim, tanto o Fabrício quanto o Leandro são psicologicamente contínuos com Tiradentes. Disso, segue que Fabrício e Leandro são idênticos a Tiradentes, já que é a continuidade psicológica que importa. E, por sua vez, implica que Fabrício é idêntico a Leandro. É aqui que está o problema. Pois a identidade numérica foi violada (uma vez que Leandro e Fabrício ocupam espaços diferentes ao mesmo tempo), o que há é apenas uma identidade qualitativa. Este é, portanto, o problema da duplicação. Vejamos rapidamente como ele pode ser também um problema para a continuidade física. Imagine que José é cortado ao meio e que cada metade de seu corpo se junte com cada metade do corpo de Gilberto. Quem é quem? José e Gilberto se duplicaram? Ou um todo é metade José e metade Gilberto?

Como vimos, só a continuidade psicológica não consegue nos oferecer condições necessárias e suficientes para admitirmos Identidade. Parece ser necessário algo mais.

Outras possíveis soluções

Existem outras respostas que tentam responder ao problema da identidade pessoal. Vejamos algumas delas resumidamente. Uma primeira seria recorrer a noção de alma. O “eu” se refere, portanto, a uma substância imaterial que possui memórias, crenças e outras características. Ela sobrevive a qualquer mudança física e existe mesmo sem um corpo. Enfim, nesse caso, teríamos de tornar claro o que queremos dizer por “alma” e por que ela é relevante para resolver o problema.

Uma segunda opção é defendida por Derek Parfit. Sua tese central é a de que pode haver sobrevivência sem identidade, pois o que realmente importa é a continuidade psicológica e não a identidade. Para tanto, ele colocará em jogo duas crenças sobre o problema da identidade pessoal. A primeira é a de que o problema tem que ter uma resposta. E a

segunda é a de que várias questões pressupõem identidade e por esta razão devemos resolver este problema. Isto é, para responder a estas questões que pressupõem identidade pessoal, o problema da identidade já deve estar solucionado. Parfit irá negar ambas. Só temos a primeira crença, diz ele, porque estamos interessados na segunda crença. Ou seja, só achamos que o problema da identidade tem que ter uma resposta porque pensamos que, sem uma resposta para ele, não conseguiremos resolver outros problemas. Quanto à segunda crença, ele afirma que é possível responder a estas questões libertando-as deste pressuposto (identidade pessoal) e, por isso, a questão sobre identidade perde sua importância. “Depois de termos feito isso, a questão sobre identidade não tem nenhum interesse adicional” (1971, p. 8). Será isso uma solução do problema da identidade pessoal? Ou estará Parfit meramente rejeitando o problema?

Uma terceira opção ao problema da identidade é defendida por Cláudio Costa. Sua ideia central é a de que para haver identidade pessoal será preciso critérios mistos. Isto é, a conjunção de continuidade física e continuidade psicológica. É isto que fornecerá uma teoria mista da identidade, a relação de elementos físicos e mentais. Os critérios estão a seguir: Grupo A (critérios físicos): continuidade física substantiva ou conexão física causal. Grupo B (critérios mentais): persistência da personalidade e caráter ou persistência da memória proposicional e de habilidades. Esses critérios serão guiados pela seguinte “Regra P: uma pessoa pode ser considerada a *mesma* quando ao menos um critério de cada grupo estiver sendo suficientemente satisfeito” (2005, p. 49). Portanto, o que essa teoria afirma é que a conjunção dos dois critérios nos oferece condições mínimas para admitirmos identidade e que os critérios separados não conseguem desempenhar tal papel.

Um possível meio de refutar a perspectiva de Costa é encontrar um exemplo onde haja, intuitivamente, identidade, mas nenhum dos critérios do Grupo A ou do Grupo B são satisfeitos. Deixo o desafio para vocês.

Conclusão

Trabalhei apenas duas possíveis maneiras de responder ao problema da identidade pessoal. Uma afirma que o que faz com que eu seja uma e a mesma pessoa ao longo do tempo é a continuidade dos vários aspectos mentais. Esta posição foi e é largamente defendida por vários filósofos, onde o mais importante e proponente dessa ideia foi John Locke. A outra afirma que a identidade de uma pessoa é apenas a sua continuidade física ao longo do tempo. O que pretendi mostrar ao longo do texto é que não temos condições necessárias e suficientes para a identidade pessoal ao apelarmos apenas para uma das duas: ou a continuidade psicológica, ou a continuidade física. Nas palavras de Cláudio Costa: “... não faz sentido tentar analisar a questão da identidade pessoal em termos de uma única condição objetiva..., que seja necessária e suficiente” (2005, p. 50).

Referências

- BLACKBURN, Simon (1999). “O Eu”. Tradução: Desidério Murcho (et al) In: *Pense – Uma Introdução à Filosofia*. Lisboa: Gradiva, 2001. pp. 129 - 156.
- CONNOR, Earl & Sider, Theodore (2005). “Identidade Pessoal”. Tradução: Vítor Guerreiro. In: *Enigmas da Existência: Uma visita guiada à Metafísica*. Lisboa: Bizâncio, 2010.
- Costa, Cláudio (2005). “Identidade Pessoal”. In: *Filosofia da mente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. pp. 38 – 50.
- COSTA, Cláudio (2002) “Critérios de identidade pessoal”. In: *Uma Introdução contemporânea à filosofia*. São Paulo: Martins Fontes. pp. 231 – 245.
- COSTA, Claudio (2008) “Identidade Pessoal: por uma criteriologia mista”. In: *Cartografias Conceituais – Uma abordagem da Filosofia Contemporânea*. Natal, RN: Editora da UFRN. pp. 139 – 152.
- KOLACK, Daniel & Martin, Raymond (2002). “Quem”. In: *Sabedoria sem Respostas – Uma breve Introdução à Filosofia*. Tradução: Célia Teixeira. Lisboa: Temas e Debates, 2004. pp. 33 – 42.
- LOCKE, John (1690). “Identidade e diversidade”- cap. XXVII. In: *Ensaio sobre o entendimento humano*. Tradução: Eduardo Abranches de Soveral. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1999. pp.433 – 461.
- MASLIN, K. T. (2007). *Introdução à filosofia da mente*. Tradução: Fernando José R. da Rocha. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- NAGEL, Thomas (1986). “Mente e Corpo”. Tradução: Silvana Vieira. In: *Visão a partir de lugar*

nenhum. São Paulo: Martins Fontes, 2004. pp. 43 - 85.

PARFIT, Derek. *Reasons and persons*. Oxford: Clarendon Press, 1987.

PARFIT, Derek. (1971). *Identidade pessoal*. Tradução de Pedro Galvão, 2010 (no prelo)

REID, Thomas. “Da perspectiva do Sr. Locke sobre a Nossa Identidade Pessoal”. Tradução: Pedro Galvão. No prelo

WILLIAMS, B. (1973). *Problems of the Self*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.